



Gabinete do Arcebispo Primaz

HOMILIA

Ref. HML_22/2016

*Homilia no encerramento
do Ano da Misericórdia*

Braga, Sé Catedral, 13.Nov.2016, 10h30

Ano da misericórdia

O valor e o impacto dos eventos eclesiais só pode, em última circunstância, ser conhecido por Deus. Não temos modo de escutar o mais íntimo do coração das pessoas e de saber até que ponto a dinâmica eclesial as influenciaram. Jogamos na confiança e na consciência de termos feito o que Deus nos pediu. No âmbito da fé, situamo-nos sempre na lógica da semente que, uma vez deitada à terra, dará fruto a seu tempo. E, muitas vezes, nem é o próprio semeador quem colhe as sementes por si lançadas.

O Ano da Misericórdia foi, neste sentido, um dom para a Igreja. Permitiu-lhe abrir, a muita gente, as portas a Cristo e revelar o Seu rosto misericordioso. Este simples gesto foi o primeiro passo para que muitos se deixassem interpelar por Cristo e iniciar um caminho de conversão interior. Fomos chamados “a fixar o olhar na misericórdia” de Cristo “para nos tornarmos nós mesmos sinal eficaz do agir do Pai”.

Um dos frutos deste Ano da Misericórdia deve ser a real actuação do Concílio Vaticano II. Este Ano, como sabemos, assinalou o cinquentenário da sua conclusão. A razão é simples: sentir “a necessidade de manter vivo aquele acontecimento” para falar de Deus aos Homens do nosso tempo “de modo mais compreensível.” A Igreja já não se deveria considerar uma “cidadela privilegiada”, afirma a *Misericordiae Vultus*, protegida por muralhas históricas mas deveria anunciar o Evangelho de modo renovado. Importa “testemunhar com mais entusiasmo e convicção a fé”, vivendo no mundo como “sinal vivo do amor do Pai”. Disse o Papa Paulo VI, no discurso da última sessão do Concílio, que história do Concílio foi como a “antiga história do bom samaritano”, onde, “em vez de diagnósticos desalentadores, deram-se remédios cheios de esperança”, permitindo que a Igreja viva para “servir o homem, em todas as circunstâncias da sua vida, em todas as suas fraquezas, em todas as suas necessidades”.

A misericórdia de Deus, que “não é ideia abstrata mas uma realidade concreta”, orienta a Igreja para esta responsabilidade de servir a todos e em todas as situações. O que significa isso? Implica carregar a Humanidade com todas as dores; gastar tempo com os dramas humanitários e pagar o custo da libertação de tudo quanto impede a vida do ser humano.

O facto de a Igreja estar ao serviço da misericórdia, não deve ser para ela motivo de vaidade narcisista. Olhar para si mesma apenas é consentido numa lógica de exame de consciência. Tomemos como exemplo o Bom Samaritano. Não consta que o gesto misericordioso daquele homem tinha sido



elogiado ou enaltecido pelos outros. Trata-se, por isso, de fomentar o amor misericordioso, puro, simples e constante, não esperando aplausos de reconhecimento público. Deus vê-nos no silêncio e consola-nos com o Seu amor, misericórdia e compaixão. Como Cristo, também nós teremos de ser amor. “A sua pessoa não é senão amor, um amor que se dá gratuitamente”... tudo nele fala de misericórdia. Nele, nada há que seja desprovido de compaixão.

Neste horizonte, é de esperar que a vida dos cristãos tome um novo rumo. O Ano da Misericórdia, caso não encontremos campos de actuação concretos, corre o risco de se limitar a ficar gravado nos anais dos anos santos. As obras de misericórdia, caras irmãs e irmãos, não podem ser mero exercício de memória de um tempo passado. Devem, pelo contrário, ser uma realidade viva que actua sobre as necessidades. “A arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia. Toda a ação pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes”, lemos ainda na *Misericordiae Vultus*.

“A credibilidade da Igreja passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo”. E a credibilidade, como tenho vindo a afirmar, precisa de estruturas, visíveis ou invisíveis, precisa de compromisso e vontade, precisa de uma conversão pastoral. “Nas nossas paróquias, nas comunidades, nas associações e nos movimentos – em suma, onde houver cristãos –, qualquer pessoa deve poder encontrar um oásis de misericórdia”.

Na linha do nosso programa pastoral, e à semelhança dos passos de Maria, é urgente ir ao encontro das mais variadas periferias existenciais. Os desafios são muitos e, por isso, não é fácil identificar todas as necessidades dos nossos irmãos. Alguns, por vergonha, encobrem as suas fragilidades e apenas uma presença solícita, atenta, uma presença materna consegue ver nos pormenores os dramas ocultos.

Sabemos que o mundo moderno, na sua visão tecnocrata e economicista, vai criando sempre novos marginalizados e descartáveis. Nem sempre nos apercebemos do que acontece em determinadas famílias e no coração de muitos. Por razões variadas, é muito difícil viver e a cruz vai sobrecarregando muita gente. Hoje teremos de ser capazes de os amparar com ternura, de derramar o óleo da consolação, de envolver os dramas humanos na solidariedade e compaixão sentida. O Papa alerta-nos para não nos deixarmos cair na indiferença cega, na indiferença que disfarça, ignora e foge à responsabilidade de os atenuar. “Não nos deixemos cair na indiferença que humilha, na habituação que anestesia o espírito e impede de descobrir a novidade, no cinismo que destrói”.

Em Ano Mariano, quero pedir a Maria, mãe da misericórdia, que nos acompanhe neste itinerário de opção pelos mais débeis e frágeis da sociedade, a quem queremos restituir a dignidade de filhos de Deus. Com Maria, queremos sair do comodismo para ir ao encontro de tudo e de todos que demonstram sofrimento humano. O Bom Samaritano recuperou a vida de quem foi abandonado à sua sorte nas margens da estrada. Estou certo que teremos muitas outras histórias para contar quando nos apaixonarmos pela Misericórdia. E, deste modo, o Ano da Misericórdia será o sublinhar da alma do cristianismo.

Para isso ser uma realidade, deveríamos gerar compromissos concretos, compromissos que não



passem com o tempo e que, progressivamente, ganhem maior consistência. Os grandes acontecimentos da Igreja não se encerraram. É nesta atitude que me coloco, pedindo à Arquidiocese que conserve no seu quotidiano, das pessoas e das comunidades, algumas atitudes que possam evoluir no tempo. O Ano Santo da Misericórdia indicou o caminho que devemos percorrer com perseverança e vontade para atingir a perfeição.

1. Seria desejável que prosseguíssemos a redescoberta de uma fraternidade mística universal. A misericórdia de Deus é dom para todos. Como Pai leva-nos a olhar para além das aparências, a descobrir Cristo no outro e, conseqüentemente, um irmão a merecer a minha atenção. Não esqueçamos, também, que Deus é criador do Universo. Pratiquemos uma ecologia integral, louvando e reconhecendo Deus em toda a criação.

2. A misericórdia de Deus passa pelo sacramento da reconciliação. Congratulo-me que este ano tenha sido um momento para organizar serviços de confissões em dias certos nos diversos arceparquias. Espero que esta disponibilidade organizada pelos sacerdotes continue como expressão de uma Igreja que acolhe tranquilamente, escuta serenamente e oferece o perdão de Deus através do sacramento da reconciliação. Não deveremos recuperar a importância dos confessionários, como sinal de uma atitude da Igreja que, em nome de Cristo, espera e oferece misericórdia?

3. A misericórdia conduziu-nos ao encontro da fragilidade humana. O cenário da debilidade toca, ou deve tocar, o nosso coração. Que não sejam os sentimentos ou as palavras bonitas a consolar-nos. Olhemos para o que podemos deixar e façamos da partilha um gesto quotidiano. Neste sentido, gostaria que, oportunamente, déssemos vida ao programa da Caritas “Projeto Amigo”. Um projecto para recolha de roupa usada. Surgirão contentores, a colocar em diversos lugares das nossas cidades e paróquias, para recolher roupa usada e em bom estado, para a sua redistribuição e reutilização. As pessoas ou os grupos sinalizarão as carências e as paróquias oferecerão um apoio a quem necessitar.

4. Já falamos algumas vezes na Casa da Esperança. Não está esquecida. Vamos, por isso, olhar para os ex-reclusos ou presos em precária. Nem sempre a família os acolhe e o tempo passado na prisão isola e afasta do convívio humano. Com esta casa, queremos dar Esperança e fazer com que a reintegração social aconteça, não obstante os credos, ideologias e opiniões. Acreditamos na pessoa e basta.

5. Sabemos, também, que a modernidade promove debilidade psíquica, depressão e exclusão. O acolhimento, feito por sacerdotes e leigos, deve ocupar um lugar de destaque. Não havendo este cuidado, poderemos chegar a diversas situações de debilidade e fragilidade. Daí que, para estas pessoas, vamos continuar a apostar no Centro Pastoral de Ajuda. Procuraremos, deste modo, ajudar pessoas que estão a recorrer a mundos ocultos e que, sem se aperceberem, criam dependências nefastas e gastos económicos avassaladores.

Cinco propostas. São exemplos. A partir de agora, a Igreja Arquidiocesana deve ser Igreja samaritana que gasta tempo e dinheiro para curar, que oferece amor a muitos que procuram e não encontram onde teriam o direito de experimentar.



Maria, mãe da misericórdia, ajuda-nos a não fechar a porta do coração para que o amor misericordioso seja sempre oferecido.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*